

Parte I - Concepções teóricas para o planejamento em enfermagem 2 - O planejamento como prática histórica

Ricardo Matos Santana
Ângela Tamiko Sato Tahara

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SANTANA, R.M., and TAHARA, Â.T.S. O planejamento como prática histórica. In: *Planejamento em Enfermagem: aplicação do processo de enfermagem na prática administrativa* [online]. Ilhéus: Editus, 2008, pp. 15-17. ISBN: 978-85-7455-529-4. <https://doi.org/10.7476/9788574555294.0003>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

2

O planejamento como prática histórica

O pensamento cartesiano, ancorado na racionalização exagerada, e consolidando os princípios de separação e de redução, influenciou muito a forma de gerir organizações, e o Estado, principalmente a partir da revolução industrial, instaura a exploração humana e ecológica até as últimas conseqüências (DE MASI, 2000).

Esse autor afirma que, até hoje, estamos impregnados desta concepção racionalista que foi absorvida totalmente pelo poder dominante e assimilada principalmente pelas fábricas (motores da expansão capitalista), que expulsam tudo aquilo que não é racional: a dimensão emotiva, estética e, em parte, também, a ética.

Além disso, sob a denominação de planejamento, estão histórias, conhecimentos, propostas e experiências distintas. Alguns estudiosos acreditam que o planejamento tem potencialidade para enfrentar os problemas das intervenções do homem no mundo. Outros afirmam ser o planejamento um instrumento a serviço da dominação social, como mecanismo biológico e instrumento de exclusão, ou controle político (MERHY, 1995).

Segundo o mesmo autor, o planejamento, como instrumento/atividade do processo de gestão das organizações, tem sido tema do conjunto da Teoria Geral da Administração, em suas diversas correntes e/ou configurações metodológicas. Somando-se aos saberes e práticas articulados dentro de uma perspectiva

sistêmico-funcional, de modo instrumental e em termos de eficácia operacional, tem interferido positivamente na produção de riquezas e alterado os seus mecanismos de usufruto.

Extrapolando o campo da Teoria Geral da Administração e avançando para o da política, o planejamento foi abordado, por um lado, no interior das experiências das sociedades que pretendiam - dentro de marcos teóricos e ideológicos específicos - construir o socialismo a partir da ação interventora do Estado Interventor; e, por um outro, foi abordado em

[...] projetos que vêm no planejamento o segredo para a construção de um método de ação, procurando instrumentalizar plenamente a política, como tem pretendido Carlos Matus com o Planejamento Estratégico Situacional, descontando o método de ação da situação real dos sujeitos e histórico-sociais, transformando o próprio método em sujeito (MERHY, 1995, p.122).

A função de planejar está inserida na prática administrativa desde o tempo de Taylor (1856-1917), quando foram definidos os princípios que sugerem que os administradores devem desenvolver um método científico para cada elemento do trabalho de um homem a fim de substituir as velhas regras, ou seja, planejar o trabalho do operário, para que sua execução seja realizada de maneira eficaz e eficiente, visando ao aumento da produção (CHIAVENATO, 2000).

Para este autor, o taylorismo e o fordismo mudaram a forma de produção capitalista, de fragmentada para a produção em série, com a correia de transmissão em cadeia, com um planejamento sistemático do processo de trabalho para adaptação do homem a esse processo, traduzindo, ao mesmo tempo a exigência capitalista de produtividade e de controle global de unidades.

Esse modelo (Taylorista e Fordista), segundo Chiavenato (2000), é caracterizado pela preocupação em aumentar a eficiência da empresa através da forma de disposição dos órgãos

componentes da organização (departamentos) e suas interações estruturais (setores). Daí a ênfase na anatomia (estrutura) e na fisiologia (funcionamento). Este modelo é também conhecido como Modelo Anatomista e Fisiologista da Organização.

Taylor e Fayol consolidam a separação entre decisão e execução, entre o poder de ordenar e a prática do executar sob a égide da organização científica do trabalho (CHIAVENATO, 2000).

O papel e a importância da função de planejar não sofreram mudanças, porém, o método, o como planejar, mudou, visando ao futuro, e à necessidade de acompanhar a era da transformação tecnológica e da valorização do ser humano.